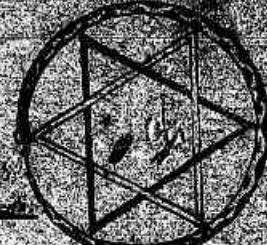




# AZUL



ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

*Redacção:*

Santa Rita Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,  
Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto.

— Curityba, 27 de Maio de 1900 —

## O A ARTE

**A** ARTE, em sua missão una e magnanima, em sua peregrina missão de *Reveladora e Conciliadora*, é nobre, é immaculada, é impecável.

Até os incensarios da SYMPATHIA, cujo intenso perfume de magnolia dos tropicos eleva-nos ás regiões beatificas da PAZ.

Neste fim de seculo, das e loucuras, de tos, procura, inexcessivos elances de

Hoje, que o Homem pode crer nos dogmas giões agonizantes, — VIDA-FUTURA.

Mystica, descerra- ALEM, onde, ritual- levada na sagracao da Gran-sacerdotisa da

Atravez a OBRA DE tico perfume da Con- se mais e mais, sem- que se expande, — Immortalidade!

O Espirito, á proporção que entra com o Artista a mansão ideal do Sonho, vae se sentindo deliciosamente emocionado, vae se evolando deliciosamente, subindo com Elle, elançando-se com Elle, muito alto, muito longe, para o ALEM, para o INFINITO, para o MYSTÉRIO.

Terminada a contemplação, ou leitura, da OBRA DE ARTE, fica-nos saudade infinita dos páramos que percorremos, que perlustrámos, — o coração envolto em uma aureola de extase, — luzindo!

E nos hortos de nossa Alma desabrocha a flor mystica da ESPERANÇA.



atormentado de duvinavroses e desalentivel, despertar-nos AMOR e de ESPERANÇA desespera, porque não profanados das relífez-se o arauto da

nos os sanctuarios de mente, officia, — en- Eterna Belleza, — a PIEDADE SUPREMA.

ARTE sente-se o mys- solação, accentuando- pre e sempre, até lotus-azul, — flor de

Dario Vellozo.

## Dario Vellozo



**A**o traçarmos o perfil de oiro d'este luminoso artista, uma das personalidades mais brilhantes da litteratura patria, sentimos um vivo entusiasmo, nos sacudir os nervos n'uma profunda vibração de muito amor, pelo seo admiravel talento, pelo seo Espirito finamente aristocratico.

Sua linha de Arte? Ah! a sua linha de Arte, é o nosso sonho, é o nosso ideal muito amado, é a perfeição unica, é a perfeição absoluta, é o som, é a cõr, é a luz, é o perfume, essa Arte resplandorada feita de nervos e de coração, onde a emoção predomine, fina, espiritual, muito fina, muito espiritual, como a linha exoterica da saudade, sugerindo a idea, oculta no magnificente sanctuário de madrepérola e ouro dos symbolos triumphantes.

A Arte moderna, n'este fim de seculo doentio, atormentada pelas nevroses, torceculada pelo *Não ser* doloroso e satanico, Alma de Shakespeare, Baudelaire e Pôe, um dia voltou os olhos magoados, n'um desespero afflictivo de supplica para as serenissimas regiões immaculadas do *Alem*, e leo nas resplandecencias olympicas dos signos do Zodiaco, como o clarão de um sonho, a pagina mais bella de esperança e de misericordia, e sentio-se banhada de novo da essencia mystica de muita fé, e de muita luz, e de muito azul, sonho astral da alma branca do piedosissimo Verlaine.

Dario Vellozo, esse estranho e bizarro alchimista do sonho "alem de ser um Symbolista, diz o illustre mestre Emiliano Pernetta, é tambem, como todo o artista de raça, um atormentado pela nevrose incoercivel da perfeição absoluta. Trabalha no verso com a paciencia de um fakir e a crença

de um budha, e tal é o seu amor pelo raro, pelo fino, pelo inexcedivel, que, quando por acaso vacilla na sua linha hieratica, tona um clamor profundo em todo o Olympo d'ouro."

E ahi estão atestando eloquentemente o brillantismo do magnifico Espirito paranaense, as suas obras, sim paranaense, se elle o não é pelo berço, temos plena convicção, e oh! como isso nos enche de orgulho, o é pelo coração. Aqui debaixo do mesmo céo, que nós vio abrir os olhos para á vida, sentindo commosco, amando commosco a natureza opulentissima e fidalga da terra paranaense, a sua lyra de ouro, vibrou primeiro.

Qual de entre nós, tem elevado mais alto, que Dario Vellozo, o nome do Parana intellectual?

Ahi estão as suas obras, *Esquifes*, onde a arte requintada, estremece dentro da mais requintada opulencia, onde avultam paginas fulgurantes com as do *Retrato*, magnifico estudo de fina psychologia; *Alma Penitente*, por cujas paginas, que nos permita ainda o insigne mestre Emiliano Pernetta, a transcrição do trecho de seo bello estudo sobre essa obra, "derramou-se o rhythmo novo da Decadencia. Esse rhythmo condenado, como a muzica de Wagner, florescido no espirito de um grupo de poetas malditos e enfermos, cançados dos velhos processos, ha de ser o verso do futuro. Sim, esse complicado rhythmo dissolvente tem o dom de pintar o vago das cousas, de evocar por meio de sons, atravez da cadencia musical de simples assonancia, as nuancas mais indefinidas das nossas sensações, a sombra de uma sombra, o sonho de um sonho.... E' o verso do Symbolo, do Magismo e do Mysterio.... E' o verso das Trovas, das Canti-lénas, da Cavallaria. Será com o prestigio d'esse novo rhythmo

que da podridão intellectual da nossa Decadência — unica época realmente artística — ha-de crescer a maravilhosa Renascença Moderna — mystica, cavalleiresca, cancionaria e primitiva. Para esse sonho, onde estóphes — broqueis cobertos de louro — irão florear toda uma resurreição de bellos séculos, sinto que caminha o singular vidente da *Alma Penitente*. Esta obra é um traço profundo, um sulco de luz mina-

do nesse novo e admirável Paiz do Miraculoso." *Althair*, dulcero poema, vastíssima cathedral opulenta de sonhos estrellejados, ouro e azul, nervos e coração.

E, que o glorioso artista da *Alma Penitente*, não veja na estreiteza do perfil que traçamos, mais que uma humillima homenagem de quem sabe admirar os seos altos dotes Espirituaes.



## O retrato da morta

A Maceio Filho

### XV

**N**uma mudez do salão onde um pezar immense  
Sobre os moveis esvoaça — em frente áquella porta,  
Ha um retrato sombrio á parede suspenso,  
E o luar bate em cheio no rosto da morta.

### II

Tudo alli faz sonhar uma camara — ardente;  
Baila a treva no ar, nem move um reposteiro!  
A luz dos candelabros morre lentamente...  
— Ah! que cheiro de flores, que exquisito cheiro!

Tudo alli vem dizer que p'ra um paiz distante  
Ela agora partiu, foi morar n'uma estrella.  
E a partitura aberta ao luar, a cada instante,  
No teclado pergunta em vão: — Onde está ella?

Onde está? que de nós ausente o seo aroma  
Já não anda pelo ar como o bafo das rosas,  
E o sabor fugitivo lembra de uma poma,  
E a languidez de um sonho de azas misteriosas?

Onde foram seos olhos grandes como a Noite?  
Onde foram? pergunta o luar abrindo os braços  
E no quadro os procura e beija-os com affoite,  
(A moça morta ri-se e fecha os olhos lassos...)

Onde foi sua voz de prata? — diz o piano  
 Ouço os cysnes cantar, mas só um se calou —  
 Como a voz das Nereidas no fundo do Oceano,  
 Como a nota final das scismas de Gounod.

Eis o espelho suspira: Em meo crystal polido  
 Banhou-se uma visão, e hoje não mais affágoo-a;  
 Só me resta de outr'ora um phantasma perdido,  
 Vago como o perfil de um remo dentro d'agoa.

— Porque tardas assim? chora a poltrona amiga  
 Estendendo-lhe os braços: Vem! não tardes tanto!  
 Deixa-me te embalar cantando essa cantiga  
 Que eu te ouvia cantar embargada de pranto!

## III

Onde foi? Eu tambem, á velha sala, indago  
 E espero, abro a janella em vão... Em frente á porta  
 Um retrato sorri com um sorriso tão vago! —  
 E o luar bate em cheio no rosto da morta...

Rio, Novembro 1899

*Henrique Netto.***Estrella Morta***A Hipólito Pereira*

**O**utr'ora, pensamento alado, flammulas tremulando ao vento norte quente, muito verdes, respirando fragrancias doces de alvoradas e rosas, elle passava, cantando e rindo, caminho do Ideal em fóra...

Prata e ouro triturados pelo ether aromatisado e calmo, rebrilhando sob a scintillação d'um Céo de outono, coroavam a sua Estrella, que passava na alacridade sadia da sua Edade de ouro.

Fitas de luz sanguinea estileteando o circulo chrystalino da praia rutila, Symphonias divinaes sobre volatas doces, muzica threnada de auroras do Oriente, formavam alas, tremulando flammulas muito verdes, quando elle passava respirando fragrancias doces de alvoradas e rosas, cantando e rindo, caminho do Ideal em fóra...

E foi, e foi, festejando a sua

Estrella atravez das sombras e dos sóes e dos luares chimericos do seo Sonhar feliz.

E foi.... Céos e estrellas se eternisavam em festa, apotheosando Auroras e Luares, n'uma fulguração viva e doce de Symbolos e de Amor.

Depois, chimericos bandolins trinaram muzicas novas de melancholias e sonhos, mais ternos e doridos.

Não havia mais aromas pelo ether, nem scintillações de céo de outono, e o caminho, outr'ora tão luzidio e alacre, enchia-se de urzes barbaras e causticantes rajadas de tristezas.

Elle, o cavalleiro bizarre não mais sorria para a sua Estrella maga nem respirava fragrancias de alvoradas e rosas.

O céo abrio-se então em pranto fundo e lagrimas de dôr humideceram suas flammulas cor de malvas desbotadas...

*Generoso Borges.*

## Dona Amelia

Ao Juca Fonseca



Ao vel-a, assim; lyrial e branca,  
Mas branca como uma visão,  
Botinha verde, tacão alto,  
Como que até do proprio asphalto  
Palmas nervosas ella arranca  
Num grande — *oh!* de admiração!

E à forma, é o sonho que perfuma.  
Crede-me vós, com mais olor,  
Mais chiquismo não ha nenhuma !  
O D.<sup>a</sup> Sol ! Quando ella passa  
Alva de luz, cheia de graça,  
Murmuram todos: E' uma flor ! . . .

Fez annos, hontem, esse lyrio,  
Que é a tua gloria, é o teo delirio,  
Teo sonho bom, tuas canções . . .  
Verso, que nunca me destrona,  
Eia ! Levanta um *toast* á dona  
De tantos, tantos corações !

17 de Maio

*Evaristo Pernetta.*

## Em claro...

Ao Santa Ritta Júior

**E**sса que as vezes, tão alta e  
tão rainha, toda de branco,  
em brancas noites constelladas  
passava por elle sem sentir-o per-  
to, fluctuando, deslizando resplan-  
dorada e feliz era, por uma inver-  
são curiosa, o alvo de todo o seo  
odio inveterado e rudo como fôra  
outr'ora a stella fulgida das suas  
longas e amorosas scismas.

Não podia mais vél-a sem que  
os secos nervos alarinados, insof-  
fidos, se convulsionassem n'uma  
avidez louca de vingança, tendo  
elle de domal-os, vencendo-os,

seffreando, á um tempo, o desejo  
bruseo e impetuoso que vinha-lhe  
de provocal-a, ao ruido de gran-  
de escandalo, como se faz a um  
adversario cobarde, esbofeteandoo.

E elles agora eram inimigos  
declarados, irreconciliaveis, dois  
rivaes ferozes, em duello fatal,  
cruzando e entrecruzaudo rijas es-  
padas sanguinolentas e destras...  
Nunca mais a Concordia os re-  
uniria sob o largo pallio imma-  
culo da Paz, elle ao vienos assim  
pensava desde que ella o fizera  
abandonar o mais adoravel e to-  
dos os camaradas, e saudosso com-  
panheiro de tantas e tão delicio-  
sas orgias o Luar, outro bohemio  
como elle mais pallido, talvez'  
e mais devasso, o Luar, o me-

nestrel eviterno, lyra de prata em punho, sonindo, capa de opala aos bimbros, flammulando...

Ah! quando lembraya-se desse confidente jovial e inspirado que tinha sempre nos labios exangues threnos de amor e gargalhadas de luz, como o seo odio por ella se envenenava, se quintessenciava, e quantas recordações bizarras, corporisando-se erguiam-se estyleteando-o, enchendo-o de uma saudade esmagadora e funda do despresado amigo!

Porque elles haviam sido amigos fracos, extremados, inseparáveis! Todas as noites descendo do seo palacio azul alteado nos paramos sidereaes das Rutilancias, vinha o desterrado nostalgorico e somnambulo — sombra extranha projectande, sombra que galvanisava as altas torres cathedralescas! — bater de leve á veneziana verde de sua thebaida friorenta e núa, esgueirando-se pelos frisos, espiando curioso, enfiando por entre elles os dedos tycicos e claros, alegremente tamborilando como si fôra bardo antigo á tiorba junto ao balcão em flor da doudivanas morgadinha esvelta. E elle, mal percebendo as pancadinhas mansas, com que tumulto! com que alvoroco! erguia-só, atalhoadamente — livros rolando — para avisal-o, blandicias na voz, — que esperasse um instante... era um momento só... queria apenas signalar, um lyrio de perneco, a pagina suspensa antes de encetar as deambulações vadias... Depois juntavam-se e, risonhos, despreoccupados, lá se iam estrada á fóra, trilhando varzeas e descampados á toa, até horas mortas, ermas horas soturnas, um trauteando endeixas ás virgens sonhadoras, outro scherzando serenata de estrellas aos passaros adormecidos... E vagavam, vagavam e assim, edenicamente, erraram por bastos annos

enginaldados e placidos. Mas, subito, quanta mudança no trovador noctambulo! Tão apprehensivo e triste, tão cheio de soluções e desfalecimentos! Nem mais floría-lhe em hymnos o sempiterno estro; não mais temblava a guitarrilha ovante! Certo soffria alguma dor, golpeava-o algum pezar profundo, mas como era usurario dessa dor ingente!. Queria-a toda para si sem partilha ou quebra, não confessando-a a ninguem, nem mesmo a elle, que era o confidente das suas magoas e dos seos mysterios... Ah! mas elle a desnudára inteira! Aquella visão que as vezes, em brancas noites constelladas, fluctuava, como apparição phantastica e maldicta, era que trazia o seo pallido, companheiro atristurado e mudo. Conhecia-a bem; outr'ora tambem endoudecera por ella! Tambem curtira penas iguaes e mais dolorosas porque não possuira, como o menestrel que ali tinha o seo aberto e leal, um coração sincero onde as guardasse dentro!

Conhecia-a bem! Por ella espontára-lhe, em remotas éras, na alma enluctada, como goivos funereos — rocio crystalisado nas petalas — versos que tinham a cadencia marcha-funebre de lagrimas gottejantes...

Ah! pobre poeta, desgraçado amigo! Como devia soffrer e como andará acertado occultandole tão acre e incoercivel dor! Não o criminava por isso, porque elle, embora tentasse, não teria encontrado allivios para semelhante mal e talvez houvesse, como lenitivo supremo, abandonado ao infeliz amigo para que este só, tresvairado, allucinado, louco, corresse, galopasse — cavalleiro á desfilada — atraç da trahidora visão até que afinal, desilludido e exhausto, voltasse novamente ás pacificas deambulações malandras...

E fôra justamente assim que

acontecerá. Desligará-se sem premeditação nem resentimentos, cheio de lastima e de piedade infinita, do saudoso companheiro das dulcidas vigílias calmas, deixando-o seguir, solitário e afficto, a sombra d'Essa mesma que apesar de entardecer a sua existencia inteira, ainda o perseguiu roubando-lhe as affeições e a tranquillidade!

Ah! Essa — maldicta! — nem queria evocar para que seu odio não crescesse mais, não se avolumasse tanto, explodindo, porque elle agora a odiava ferozmente, com phrenesi, rancor vermelho e selvagem, desde que ella o tornara o mais desgraçado de todos os mortaes quando podia

tel-o feito o mais venturoso e invejado de todos!

Bastava que houvesse — orgulho recalcado — correspondido o seu affecto tão puro, tão sacratissimo e firme, e elle hoje ao envez de andar, desolado e só, passearia varzeas e descampados a fóra, levando-a pelo braço, narrando-lhe crimes galantes julgados nos tribunaes de amor, historias de princezas que amaram pagens, menestrels que adoraram condessas, enquanto perto o saudoso companheiro e pallido bohemio — o Luar — os seguiria amavelmente, reunindo na areia clara dos caminhos os seus dois perfis n'uma silhueta só . . .

*Euclides Bandeira.*

## TANTALISMO

A Adolpho Werneck

Este Tedio feroz que me empolga a existencia  
E commigo palmilha a mesma soledade,  
Canta á noite ao luar, uma estranha dolencia  
Como um requiem de dor, de magoa e de saudade.

Traja um manto real com laivos de indigencia.  
— Manto ou negro burel da estamenha de um frade ? !  
Trapo ! . . . Noite de horror onde fulge a demencia  
E a miseria soluça um grito de orphandade.

E ao som do monocordio estranho da loucura,  
Me carrega a sonhar, me prende, me tortura,  
Dá-me abraços de irmão, e me chama de amigo.

E vou assim, ó Deus! pela treva arrastando  
A calceta da Dor, como Hamlet procurando  
A sombra indefinida, o derradeiro abrigo . . .

(dos "Ocasos")

*Thiago Peixoto.*

# Arte de amanhã

(Barlet e Lejay)

Continuação.

## Que é Arte?

Existem numerosas definições; cada artista daria uma, particular, diversa das demais.

Uns representariam a Arte como a absoluta belleza, que jamais o artista attingirá, porem da qual se deve aproximar o mais possível. Para outros a belleza absoluta seria absurdo; e só admittiriam a arte relativa, sistema especial de escripta das sensações ou dos sentimentos humanos, residindo no homem, e não alem. Outros acceitam a Arte como produçao puramente humana, não aceitando, entanto, todas as emoções humanas como de ordem artística; para estes as emoções se tornam bellas quando se adaptam a nosso *ideal* proprio que dicta algumas formulas, fóra das quaes não existe a Arte. O instincto dessas formulas pôde motivar algum prazer; mas o genio só é adquirido por um perseverante estudo. Nossas pretensas formulas, exclamariam outros, são apenas odiosas grilhetas que o genio deve quebrar, sob pena de succumbir agrilhado e vencido. A Belleza não reside no homem, nem se encontra em ideias intangiveis. Está na natureza; é preciso observal-a, e sabel-a reproduzir em sua verdade vital; eis toda a Arte! Outros artistas mais ousados nos diriam por sua vez: Para que copiar as cousas e os seres! que desappareçam perante a *Forma*! E' a depositaria do Bello. Não a notaes, acaso, nesta linha, neste claro-escuro, nesta perfeita harmonia de tons, nesta brilhante simphonia de cores? — Não? — é que não sois artista!

Continua.

Henrique Netto — o vigoroso artista que aguarelou, n'uma disereta e magica profusão, de claros-escuros, a deliciosa tela onde avulta o passional retrato da morta, trouxe á esta revista, por intermedio de Carlos Raposo — um dos mais amplos e magnificos espiritos da moderna geração Brasileira — as irradiações do seo rútilo e inspirado estro de Eleito. Que falle, a respeito do primoroso Poeta, o nosso distineto collaborador, o exforçado amigo do Azul — Carlos Raposo: — "Henrique Netto, autor da bellissima poesia — *O retrato da morta* —, que ahi vae, adora immenso o grande Heine. D'elle ha traduzido innumeras perolas que breve dará em livro. Da Arte tem o fidalgo e illustre Henrique Netto magnifica concepção. Perpassa, em seos versos, originaes e finos, o merencorio sopro das cousas antigas, trazendo, pela bizarria de idéa, aos nossos olhos a figura de Edgard Poë. Imaginação rara, não desce a imagem gasta, um milhão de vezes repetida. Fidalgo poeta, raros conseguirão a elle igualar na originalidade. No — *retrato da morta* — evocando essa que se foi morar n'uma estrella, consegue vél-a como um phantasma perdido, vago como o perfil de um remo dentro d'agoa. Admiravel figura, digna de Poë, Rollinat ou Baudelaire.

Essa imagem define o poeta. Originalidade de idéa, perfeição de forma, belleza de symbolo, eis os caracteristicos do verso do illustre e fidalgo Henrique Netto.

Prova do que affirmo teem os leitores nesse magistral *Retrato da morta*, joia de preço inestimável."

## Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

## ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

## REDACÇÃO:

## PRAÇA DA REPÚBLICA N.º 4.

— „Typ. Der Beobachter“ —